

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
COORDENAÇÃO

TOLOGIA

FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80
à atualidade

iu

PANORAMA DAS LITERATURAS FRANCÓFONAS¹

Christiane Ndiaye

Christiane Ndiaye e Josias Semujanga são professores e investigadores no Departamento de Estudos Franceses na Universidade de Montreal (Canadá). Joubert Satyre é professor e investigador na Universidade de Guelph, em Ontario, e Nadia Ghalem é investigadora independente. É também romancista, poeta e dramaturga. Esta Introdução oferece uma visão panorâmica das literaturas da Francofonia, destacando informações essenciais de obras clássicas, bem como de autores e obras menos conhecidas. Escritas por diferentes pesquisadores, consoante se trate da África Subsaariana, do Caribe ou do Magrebe, as diferentes partes oferecem uma reflexão que destaca a diversidade histórica e cultural das literaturas francófonas. O estudo de obras africanas examina a estreita relação entre oralidade e escrita. A análise das literaturas caribenhas expõe as questões de identidade, do crioulo e da oralidade nas obras do Haiti e das Antilhas. Por fim, a secção sobre as literaturas magrebinas versa sobre a questão das línguas, vivida de forma diferente consoante a origem dos autores: Argélia, Marrocos ou Tunísia.

¹ *Introduction aux littératures francophones - Afrique - Caraïbe - Maghreb*. Sous la direction de Christiane Ndiaye avec la collaboration de Nadia Ghalem, Joubert Satyre et Josias Semujanga. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal, 2004. ISBN 2-7606-1875-7, pp. 16-20.

Nos extratos traduzidos, Josias Semujanga discorre sobre os surgimentos da Literatura francófona de África e da poesia da negritude.

A Literatura francófona de África

Como vimos acima, o francês, língua de escrita dos africanos, foi introduzido em África pela colonização no século XIX, e coexiste com as línguas africanas. Estas dão vida a uma criação artística muito variada que coexiste com as produções em francês, porque são a expressão tradicional de culturas que se integra na modernidade através da canção, do teatro, do cinema e das formas de escrita, em particular em Madagáscar e nas ex-colónias belgas. Alguns africanos escreveram em línguas europeias desde os primeiros contactos entre a África e a Europa, pois obras notáveis escritas em francês já datam do século XIX, nomeadamente as dos mestiços senegaleses: o abade Boilat e Léopold Panet. Mas foi no século XX que realmente nasceu a literatura africana em língua francesa. Em 1921, o prémio Goncourt coroa René Maran com *Batouala*². Apesar de o autor ser mais antilhano do que africano, o seu livro anuncia o nascimento de uma literatura verdadeiramente africana. Antes de *Batouala* havia, de facto, uma literatura colonial escrita por colonos franceses que viviam em África, mas estes escreviam apenas para o público francês e o seu olhar sobre a África era puramente exótico. Esta literatura, que ambicionava dar a conhecer África, não carecia de ambivalências e contradições, na medida em que os autores adotavam (e só podiam adotar) o ponto de vista de um europeu sobre África. Essa literatura colonial, por definição, não podia questionar os princípios da colonização. Apenas reproduzia o mesmo olhar colonial do discurso antropológico sobre a missão “civilizadora” do Ocidente e sobre a “selvageria” de África.

² René Maran, *Batouala*, Paris, Albin Michel, 1921.

Batouala é um romance onde o mundo africano é visto de dentro, sem o olhar exótico. O autor, que é oficial colonial, descreve do interior uma empresa do território que administra: a Oubangui-Chari. Relata cenas do cotidiano de uma aldeia perdida no mato da floresta equatorial. Nada aqui se opõe à ortodoxia dos temas do romance colonial; no entanto, *Batouala* desencadeou uma campanha animada na imprensa colonial, furiosa porque o prémio Goncourt de 1921 lhe fora atribuído. Para certa crítica, tal significava coroar uma obra de ódio pelo simples facto de fazer o processo da colonização, acusação de intenções subversivas que o autor obviamente negou. Todavia, a produção narrativa e o facto de relacionar a diegese das personagens e das suas palavras produzem vozes que o romance colonial não tinha por hábito exprimir: “Somos apenas cadeiras para impostos. Somos apenas animais de carga. Animais? Nem isso. Um cão? Somos menos do que estes animais, estamos mais abaixo do que os mais abaixo. Eles matam-nos lentamente”³. O escândalo e o sucesso de *Batouala* foram um acontecimento marcante. No entanto, antes da década de 1950, havia muito poucos romances publicados em África em comparação com a poesia. É em torno de algumas obras poéticas que a jovem literatura africana ia começar.

O movimento da negritude

Uma escola de poesia nasceu na década de 1930. É conhecida como a poesia da negritude⁴. Não foi apenas uma corrente poética, mas sobretudo uma corrente de pensamento oriunda da primeira

³ Ibid., p. 52.

⁴ Sobre a história da literatura africana, as obras consultadas são sobretudo os livros de Lilyan Kesteloot, *Histoire de la littérature négro-africaine*, Paris, Kartala/AUF, 2001; Jacques Chevrier, *La littérature nègre*, Paris, Arman Colin, 1984; Mohamadou Kane, *Roman africain et traditions*, Dakar, Nouvelles éditions africaines, 1983; Amadou Koné, *Des textes oraux au roman moderne, Étude sur les avatars de la tradition orale dans le roman ouest-africain*, Frankfurt, Verlag, 1993; Josias Semujanga, *Dynamique des genres dans le roman africain. Éléments de*

geração de intelectuais negro-africanos que pretendiam definir o projeto dos povos negros do ponto de vista literário, cultural e político. A negritude marcou a primeira grande rutura com o colonialismo. Na origem, a palavra negritude significa uma posição assumida pelo Negro face ao mundo definido e concebido de acordo com os valores do Branco. Trata-se de denunciar a negação dos valores africanos através da ideologia eurocêntrica e racista, e de combater esse secular e específico racismo anti-negro que o Branco teve de desenvolver para justificar o tráfico de escravos, o escravagismo e depois a colonização. A negritude é a manifestação de uma forma original de ser. É uma revolução efetiva contra o fenómeno da assimilação cultural. É também um instrumento eficaz de libertação. Nascida em Paris, entre as duas guerras, a negritude surge da fusão de ideias que provocam, na Europa, o rescaldo da guerra, o movimento surrealista, o nascimento da ideologia marxista, o interesse pela psicanálise e as reivindicações dos países colonizados. É tempo de questionamentos e clima propício para interrogar esta “civilização” que usa os seus “progressos” científicos e tecnológicos para melhor escravizar povos e travar guerras cada vez mais mortais e bárbaras. Jovens intelectuais das Antilhas e africanos que vieram estudar “na metrópole” descobrem então uma causa comum: a recusa da difamação que atingia a raça negra desde os primeiros contatos da Europa com o “continente negro”. Também com o exemplo dos escritores do Negro Renaissance de Harlem, da década de 1920 (Langston Hughes, W. E. B. Dubois, Claude Mackay, etc.), os escritores do movimento da negritude falarão contra o racismo, assim como contra os valores capitalistas, materialistas, racionalistas e cristãos que apoiaram a escravidão e o colonialismo. E para se fazerem ouvir melhor, criarão os seus próprios fóruns: fundar-se-ão várias revistas, muitas vezes efémeras, mas não menos fecundas em palavras fulgurantes: La Revue

poétique transculturelle, Paris, L'Harmattan, 1999 e Séwanou Dabla, *Nouvelles écritures francophones. Romanciers de la seconde génération*, Paris, L'Harmattan, 1986.

du monde noir (seis números publicados entre novembro de 1931 e abril de 1932), *Légitime defence*, 1932 (apenas um número, mas que se lê como um manifesto), *L'Étudiant noir* (1934-1940). Na prosa e na poesia, reivindica-se a liberdade criativa, defende-se o regresso às fontes e denunciam-se todas as formas de opressão: “nem servidão nem assimilação: emancipação”, proclama Aimé Césaire (Martinica), líder do movimento, com Léopold Sédar Senghor (Senegal) e Léon Damas (Guiana). E mesmo que, retrospectivamente, a sobreposição das noções de raça e cultura pareça altamente problemática, tendo esse amálgama já sido praticado pelo Ocidente imperialista, era primeiro necessário reivindicar a sua dignidade, usando termos que o discurso social da época difundia e que o público era capaz de “reciclar”. Negritude define-se, portanto, nos seus princípios, como uma tentativa de reabilitação dos valores do homem negro e cria um mito oposto ao da negação branca. É o que Frantz Fanon chama de maniqueísmo delirante, ou seja, o discurso da negritude apenas inverte a equação da narrativa colonialista e escravagista. Como a negritude foi à partida assunto dos poetas, é por meio das respectivas obras que se pode descobrir o seu espírito. Ela impôs uma imagem e um modelo do Negro e da sua poesia: vítima da barbárie colonial, o poeta negro contrapõe-lhe o protesto do seu canto, e sendo negro, tal canto adquire todas as virtudes negras. Trata-se de uma estética para os poetas da negritude, ainda que acompanhada pela dimensão política. Em *Cahier d'un retour au pays natal*, Aimé Césaire⁵ desenvolve o tema da libertação do homem negro e compõe um texto fundador onde o francês é reinventado e colocado ao serviço da afirmação da cultura dos povos negros. Em 1948, Léopold Sédar Senghor publica *La nouvelle anthologie de la poésie nègre et malgache*⁶. O prefácio de Jean-Paul Sartre, “Orphée noir”, foi tão retumbante que esta antologia

⁵ Aimé Césaire (1939). *Cahier d'un retour au pays natal*, Paris, Présence africaine.

⁶ Léopold Sédar Senghor, *La nouvelle anthologie de la poésie nègre et malgache*, Paris, PUF, 1948.

marca verdadeiramente o nascimento da literatura africana de língua francesa. Segundo Sartre, a negritude, que é uma reação negativa ao racismo branco, terá de evoluir porque, sendo uma noção subjetiva, a questão será resolvida objetivamente através da mobilização do proletariado. O seu futuro dará lugar a novos valores. Um ano antes (1947), *Présence africaine*, revista e editora, havia iniciado o projeto de divulgação de trabalhos artísticos e ensaios sobre a África e o mundo negro em geral.

A Negritude congratulou-se e beneficiou de alguma mudança nas mentalidades em relação à África. Na revalorização da África pela cultura ocidental destaca-se, então, a descoberta da arte africana por Apollinaire, Picasso e os grandes inventores da pintura moderna, o fascínio pelo jazz a partir dos anos 1920 e aquilo que Césaire apelidou de grande traição dos etnólogos, ou seja, o abandono, pelos antropólogos, dos postulados da desigualdade das raças e culturas, e a aceitação de um relativismo cultural.

TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE

FERNANDO GOMES

Universidade de Évora